

## IMPACTOS DAS MEDIDAS PREVENTIVAS CONTRA COVID-19 NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

## IMPACTS OF PREVENTIVE MEASURES AGAINST COVID-19 ON THE BRAZILIAN POPULATION

Recebido em: 24/06/2024

Aceito em: 05/09/2024

Publicado em: 09/10/2024

Tamara Rodrigues Lima Zanuzzi<sup>1</sup> 

Universidade Federal de Goiás

Edlaine Faria De Moura Villela<sup>2</sup> 

Secretaria de Estado da Saúde do Estado de São Paulo

**Resumo:** O início do ano de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19 entre humanos, abalando fortemente a saúde global das pessoas. Desde o princípio da pandemia, autoridades de saúde demonstraram o quanto a magnitude das incertezas e das consequências poderiam ser desastrosas no mundo todo. Objetivo: Investigar e descrever a percepção de relações interpessoais brasileiras durante a pandemia da COVID-19 diante de medidas preventivas contra a disseminação do vírus no país. Metodologia: Estudo epidemiológico transversal descritivo realizado por meio de um consórcio internacional de cientistas de diversos países. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário on-line, com questões sobre como a COVID-19 afeta a vida diária. Os indivíduos elegíveis precisavam ser adultos com 18 anos ou mais. O estudo foi realizado no período de fevereiro de 2020 a novembro de 2022. Resultados: A maioria considerou que a situação de pandemia do país estava fora de controle ou totalmente fora de controle (48,4% e 37,3%, respectivamente). Sobre as preocupações com a COVID-19, cerca de 23% não têm lidado bem. Mais de três terços dos participantes apontaram bom controle do consumo de álcool, ao contrário de cerca de 9%, que não têm controlado bem. 32%, que relataram não aproveitar bem o tempo. Conclusões: É notória a promoção de ações eficazes e políticas públicas eficientes no que diz respeito à orientação, prevenção e tratamento voltados para os agravos à saúde mental em situações de emergências sanitárias.

**Palavras-chave:** COVID-19; Pandemia; Relações interpessoais.

**Abstract:** The beginning of 2020 was marked by the COVID-19 pandemic among humans, seriously affecting people's global health. Since the beginning of the pandemic, health authorities have demonstrated how disastrous the magnitude of the uncertainties and consequences could be across the world. Objective: Investigate and describe the perception of Brazilian interpersonal relationships during the COVID-19 pandemic in the face of preventive measures against the spread of the virus in the country. Methodology: Descriptive cross-sectional epidemiological study carried out by an international consortium of scientists from different countries. An online questionnaire was used to collect data, with questions about how COVID-19 affects daily life. Eligible individuals needed to be adults aged 18 or older. The study was carried out from February 2020 to November 2022. Results: The majority considered that the country's pandemic situation was out of control or completely out of control (48.4% and 37.3%, respectively). Regarding concerns about COVID-19, around 23% have not coped well. More than three thirds of the participants reported good control of their alcohol consumption, as opposed to around 9%, who did not control their alcohol consumption well. 32%, who reported not making good use of their time. Conclusions: The promotion of effective actions and efficient public policies with regard to guidance, prevention and treatment aimed at mental health problems in health emergency situations is notable.

**Keyword:** COVID-19; Pandemic; Interpersonal relationships.

<sup>1</sup> Psicóloga. E-mail: tamaralima8585@gmail.com

<sup>2</sup> Epidemiologista. Diretora Técnica de Saúde III do Grupo de Apoio às Políticas de Prevenção e Proteção à Saúde da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CCD/SES-SP). E-mail: edlaine@alumni.usp.br

## INTRODUÇÃO

Ao final do ano de 2019, a China anunciava a preocupação com a contaminação de um novo coronavírus, o SARS-CoV2. Esse foi o início da grave crise sanitária global que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou como uma emergência de saúde pública internacional e, logo em seguida, em março de 2020, denominou-se como pandemia de COVID-19 (TORALES *et al.*, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020; ORNELL *et al.*, 2020).

A ausência de tratamentos eficazes e ou vacinas fez com que emergissem impactantes estratégias de contenção da transmissão da COVID-19, impondo rígidas regras e mudanças severas de hábitos sociais para a população mundial. As medidas sugeridas incluíam a orientação para que a população permaneça em casa, que fosse mantido distanciamento social, com orientação para o fechamento de escolas e locais públicos, adoção de métodos rigorosos de higiene, uso de máscaras faciais e assepsia frequente das mãos (ECDPC, 2020; TORALES *et al.*, 2020).

As restrições sociais como medida de saúde pública para a contenção da virulenta disseminação da COVID-19 foram intervenções eficazes para a redução da transmissão do vírus. Porém, vários estudos vêm demonstrando os efeitos negativos e o impacto psicossocial dos isolamentos e lockdowns (HUANG *et al.*, 2020; WU; MCGOOGAN, 2020).

No período inicial da pandemia, as políticas brasileiras de prevenção demonstravam ausência de estratégias uniformes, com deliberação da autonomia dos governos estaduais e distrital, gerando a variabilidade de bloqueios e diretrizes para a prevenção da disseminação do vírus SARS-Cov2. O Brasil registrou elevados níveis de mortalidade pela COVID-19, demonstrando uma fragilidade na organização e planejamento de assistência à saúde. As abruptas e instáveis medidas de contenção de disseminação do vírus geraram consequências biopsicossociais para os brasileiros (PASSOS *et al.*, 2020; SILVA; PIMENTEL; MERCES, 2020).

Os desdobramentos adaptativos diante da COVID-19 apresentam uma série de desafios para o sistema de saúde. As implicações disso fomentam as preocupações coletivas e contribuem para o aumento de problemas, como insônia, estresse, ansiedade, raiva, carência afetiva e distorção da realidade vivenciada (SCHMIDT *et al.*, 2020; ORNELL *et al.*, 2020).

As inquietações e apreensões coletivas com a pandemia têm grande impacto na saúde das pessoas e interferem significativamente no comportamento humano, nas políticas públicas, na economia e, principalmente, nas estratégias de prevenção sobre as morbidades e

necessidades emergentes em saúde mental (TORALES *et al.*, 2020; ORNELL *et al.*, 2020). Nesta pandemia de COVID-19, os fatores de risco mais recorrentes estão ligados ao alcoolismo, sedentarismo, isolamento social, tabagismo e transtornos psiquiátricos (ĆOSIĆ *et al.*, 2020; HO; CHEE; HO, 2020).

Nesse sentido, compreende-se a necessidade de estudos que elucidem como a população brasileira vivenciou os impactos das medidas preventivas de contenção à COVID-19. Desse modo, por meio de um questionário on-line, o presente estudo visa investigar e descrever a percepção de relações interpessoais brasileiras durante a pandemia da COVID-19 diante de medidas preventivas contra a disseminação do vírus no país.

## **DESENHO DO ESTUDO**

Este foi um estudo epidemiológico descritivo, realizado através de um consórcio internacional. O estudo utilizou uma abordagem de pesquisa on-line, organizado pelo consórcio intitulado Estudo de Base Populacional sobre COVID-19 (ICPCovid). Os questionários foram preenchidos on-line utilizando um link eletrônico divulgado pelo site do consórcio através das redes sociais utilizando plataformas como WhatsApp, Facebook, SMS, Messenger, Twitter, Instagram e páginas da web de uma Universidade. Os participantes puderam submeter suas respostas utilizando aparelhos celulares, notebooks, computadores e tablets.

A população alvo deste estudo foi composta por adultos, maiores de 18 anos, que residiam no Brasil. As pessoas se voluntariaram para fazer parte do estudo, preenchendo o questionário de forma remota. Os critérios de inclusão dos participantes foram: ter 18 anos ou mais de idade, com acesso à internet, residir no Brasil e concordar com o termo de consentimento informado antes do preenchimento do questionário. A amostra foi composta por 756 pessoas.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário composto por diferentes instrumentos validados psicometricamente que foram utilizados para fundamentar as perguntas do instrumento de pesquisa.

## **PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS**

O questionário foi disponibilizado para preenchimento apenas no website oficial do projeto ([www.icpcovid.com](http://www.icpcovid.com)), para garantir a segurança dos dados e padronizar a exportação. Por meio de um convite, com um breve texto contendo os objetivos do estudo e a transmissão

do link do questionário nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, SMS, Messenger, Instagram e páginas da web de universidade), os participantes puderam submeter suas respostas utilizando aparelhos celulares, notebooks, computadores e tablets. Os questionários finalizados foram armazenados em um servidor seguro. O período definido para a coleta de dados foi de julho a novembro de 2020.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Os dados obtidos foram tabulados utilizando o Statistical Package Social Sciences (SPSS), versão 15. Na análise univariada, as variáveis qualitativas foram apresentadas com distribuição de frequências absolutas (n) e relativas (%), e as quantitativas, como valores médios, desvios padrão, valores máximos e mínimos. As características amostrais, incluindo variáveis, covariáveis e resultados, foram apresentadas por meio da estatística descritiva (média, desvio padrão, medianas, intervalo interquartil e intervalo para variáveis contínuas e assimétricas, frequências e porcentagens de indivíduos em cada categoria para variáveis categóricas). Para examinar a presença e magnitude de alterações nas principais variáveis de resultados, foram comparadas as pontuações médias anteriores ao COVID-19, e depois do COVID-19, por meio do teste t e do teste de Wilcoxon. Os dados foram analisados com nível de significância de 5% e intervalo de confiança de 95%.

## **CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

Os participantes foram informados sobre o estudo por meio de redes sociais on-line e, no início do questionário, uma breve mensagem foi apresentada para informar sobre os objetivos e a estratégia do estudo. Em seguida, um consentimento informado explicava detalhadamente as condições de participação no estudo, e que precisava ser assinado antes que o questionário pudesse ser respondido. O questionário era preenchido anonimamente.

A participação neste estudo foi voluntária, sem nenhum tipo de remuneração vinculada. O participante tinha o direito de recusar-se a participar e ignorar qualquer pergunta que não quisesse responder, e esta decisão não afetou de forma alguma a participação no estudo. O participante também tinha o direito de se retirar do estudo a qualquer momento, sem nenhum risco.

Todos os dados coletados para os fins deste estudo permanecem confidenciais e acessíveis apenas à equipe de pesquisa. Nenhuma informação de identificação foi vinculada aos questionários preenchidos.

A aprovação ética acelerada foi obtida junto ao Conselho de Revisão Institucional (IRB) da Faculdade de Medicina e Ciências da Saúde da Universidade de Antuérpia. O projeto também foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP (CAAE: 30343820.9.0000.0008) e contou com financiamento próprio para sua execução.

## RESULTADOS

O questionário foi preenchido por 756 pessoas. Observou-se predomínio do sexo masculino (n=594, 78,5%) e maior prevalência de residência em zona urbana (97,8%). A maioria dos participantes (68,1%) foi representada por adultos jovens, entre 18 a 44 anos, em sua maioria casados (47,2%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes do estudo.

	Amostra	
	Frequência	Porcentagem
<b>Sexo</b>	<b>n=756</b>	%
Masculino	594	78,5
Feminino	159	21,0
Prefiro não dizer	3	0,4
<b>Faixa etária</b>	<b>n=756</b>	%
Entre 18 e 24 anos	128	16,9
Entre 25 e 34 anos	146	19,3
Entre 35 e 44 anos	241	31,8
Entre 45 e 54 anos	132	17,4
Entre 55 e 64 anos	81	10,7
Acima de 65 anos	27	3,5
Prefiro não informar	1	0,1

<b>Estado Civil</b>	<b>n=756</b>	<b>%</b>
Casado	357	47,2
Viúvo	18	2,3
Separado/Divorciado	63	8,3
Solteiro, mas vivendo em conjunto com outra pessoa	77	10,1
Solteiro, nunca casado	232	30,6
Tem múltiplos parceiros	1	0,1
Prefiro não dizer	8	1,0
<b>Escolaridade</b>	<b>n=756</b>	<b>%</b>
Ensino Fundamental	7	0,9
Ensino Médio	126	16,6
Ensino técnico (com conclusão do ensino médio)	30	3,9
Graduação	351	46,0
Mestrado	142	18,7
Doutorado/Pós-doutorado	99	13,1
Prefiro não dizer	1	0,1
<b>Situação de trabalho</b>	<b>n=756</b>	<b>%</b>
Desempregado	43	5,6
Agricultor(a)/Fazendeiro (a)	8	1,0
Trabalhador(a) informal	25	3,3
Emprego privado	83	10,9
Funcionário(a) público	273	36,1
Profissional autônomo/ Empresário	120	15,8
Estudante	135	17,8
Do lar	26	3,4
Prefiro não dizer	4	0,5

**Fonte:** Dados coletados na pesquisa. **Elaboração:** Do autor, 2022.



Sobre a situação laboral da população da amostra, uma pequena parcela dos participantes relatou estar desempregada (5,6%). A grande maioria - 36% - relatou ser funcionário público, seguido de outra elevada porcentagem de estudantes (17%). Os profissionais autônomos e com empregos privados apontaram para, aproximadamente, 15% e 10%, respectivamente (Tabela 1).

A maioria considerou que a situação de pandemia do país estava fora de controle ou totalmente fora de controle (48,4% e 37,3%, respectivamente). Neste quesito, apenas 1% descreveu que a situação da pandemia está bem controlada no Brasil, enquanto a grande maioria (53%) dos participantes relatou que a vida piorou muito desde o início da COVID-19. Cerca de 21% afirmam que a vida não melhorou e nem piorou. Aproximadamente 23% dos participantes afirmam lidar bem com a COVID-19, seguido de 18,7% que não têm lidado bem (Tabela 2).

Tabela 2 – Preocupações diante da COVID-19.

	Amostra	
	Frequência	Porcentagem
<b>Lidando bem com a situação da COVID-19</b>	<b>n=748</b>	%
Não tem lidado nada bem	51	6,8
Não tem lidado bem	140	18,7
Na média	319	42,6
Bem	69	9,2
Muito bem	169	22,5
<b>Vida tornou-se melhor ou pior desde o início da crise da COVID-19</b>	<b>n=755</b>	%
Piorou muito	403	53,3
Piorou	89	11,7
Não mudou (nem melhorou ou piorou)	160	21,1
Melhorou	99	13,1

Muito fácil	4	0,5
<b>Situação da COVID-19 no seu país será bem controlada ou não</b>	<b>n=756</b>	%
Muito bem controlada	8	1,0
De alguma forma controlada	62	8,2
Neutra	38	5,0
Não muito bem controlada	282	37,3
Nada controlada	366	48,4

Fonte: Dados coletados na pesquisa. Elaboração: Do autor, 2022.

Sobre as preocupações com a COVID-19, cerca de 23% não têm lidado bem, e aproximadamente 33% tem controlado bem as preocupações. Nesta pandemia, mais de três terços dos participantes deste estudo apontaram bom controle do consumo de álcool, ao contrário de cerca de 9%, que não têm controlado bem. No que se refere ao bom aproveitamento do tempo, cerca 33% referem que têm aproveitado bem o tempo, ao contrário de 32%, que relataram não aproveitar bem o tempo. Sobre o gerenciamento de contatos sociais, 16,6% não têm lidado bem, ao contrário de 34%, que têm lidado bem (Tabela 3).

Tabela 3 – Relações sociais e pandemia.

	Amostra	
	Frequência	Porcentagem
<b>Controle das preocupações</b>	<b>n=748</b>	%
Não tenho lidado nada bem	51	6,8
Não tenho lidado bem	140	18,7
Na média	319	42,6
Bem	169	22,6
Muito bem	69	9,2
<b>Controle do consumo de álcool</b>	<b>n=748</b>	%



Não tenho lidado nada bem	9	1,7
Não tenho lidado bem	38	7,0
Na média	80	14,8
Bem	136	25,2
Muito bem	277	51,3
<b>Aproveitando bem o tempo</b>	<b>n=751</b>	%
Não tenho lidado nada bem	57	7,6
Não tenho lidado bem	186	24,8
Na média	260	34,6
Bem	176	23,4
Muito bem	72	9,6
<b>Gerenciamento dos contatos sociais</b>	<b>n=752</b>	%
Não tenho lidado nada bem	27	3,6
Não tenho lidado bem	98	13,0
Na média	303	40,3
Bem	224	29,8
Muito bem	100	13,3

Fonte: Dados coletados na pesquisa. Elaboração: Do autor, 2022.

Em relação às atividades rotineiras em casa, 40% relataram assistir mais televisão, enquanto 60% passaram mais tempo na internet (fora do trabalho). Dos dados, depreende-se que 56,2% passaram mais tempo nas redes sociais (fora do trabalho), 47,2% trabalhando em casa ou fazendo outra atividade para complementar a renda, 64,2% realizavam mais atividades domésticas ou consertos em casa, 27,7% oravam mais. Cerca de 60% praticavam menos atividade física, 32,2% descansavam / relaxavam menos e 25,6% dormiam menos.

A Tabela 4 mostra as médias dos escores calculados antes e depois do início da pandemia no país. Em todos os escores, registra-se diminuição dos valores, exceto nos quesitos utilização do tempo e consumo de álcool, que apresentaram aumento ( $p < 0,05$ ).

Tabela 4 – Comparação de escores antes e depois da COVID-19.

	Antes da COVID-19				Depois da COVID-19			p *
	n	média	IQR	variação	média	IQR	variação	
Bem-estar geral	756	15	11-18	1-25	10	7-14	0-25	<0.001
Preocupações	754	21	18/24	4-28	18	13-22	4-28	<0.001
Utilização do tempo	755	24	18-30	1-56	29	22-36	3-56	<0.001
Contatos Sociais	753	8	6-9	3-9	7	5-8	2-9	<0.001
Controle do consumo de álcool	526	10.5	3.5-24	1.5-288	10.5	3.5-38.5	1.5-288	<0.001

Fonte: Dados coletados na pesquisa. Elaboração: Do autor, 2022.

## DISCUSSÃO

O isolamento e distanciamento social condicionaram mudanças severas na rotina das pessoas, assim como geraram condições estressoras, intensificando vulnerabilidades a fatores de risco à saúde, os quais afetaram a qualidade de vida das populações (SILVA *et al.*, 2020). De acordo com Brooks *et al.* (2020) o impacto emocional da pandemia de COVID-19 pode promover desconfortos com sentimentos de irritabilidade, raiva, medo e insônia.

Vários estudos apontam que em outras epidemias o número de indivíduos psicologicamente afetados tende a ser maior que o quantitativo de indivíduos acometidos pela infecção ou doença (ORNELL, *et al.* 2020; BROOKS, *et al.* 2020; LIMA 2021). Quanto à pandemia de COVID-19, outros estudos apontam para o aumento de sofrimento psíquico, seguido de sintomas de medo, ansiedade, insônia, raiva, solidão e tédio (ORNELL *et al.*, 2020; FARO *et al.*, 2020; LIMA, 2021). Esses dados corroboram com os resultados do presente estudo, em que aproximadamente 26% dos participantes afirmam que não estão lidando bem com a pandemia e cerca de 54% da amostra evidenciaram que suas vidas pioraram muito após a COVID-19.

Uma revisão sistemática sobre os impactos psicológicos da COVID-19 mostrou que a quarentena foi um fator preditivo para estresse agudo e estresse pós-traumático. Esses estudos também revelaram que as pessoas em isolamento social estão mais propensas a quadros de ansiedade, exaustão, irritabilidade, falta de concentração, insônia, déficit do desempenho no

trabalho e dificuldade em aceitar demissões. O humor deprimido, com 73%, e a irritabilidade, com 57%, destacaram-se como sintomas mais prevalentes em pessoas que se submeteram a isolamento ou distanciamento social em situações de tragédia e/ou desastres (BROOKS *et al.*, 2020). Outros estudos descrevem que a quarentena, o distanciamento social, as mudanças na rotina habitual e a redução de contato social frequentemente geram frustração, tédio e sentimentos angustiantes. Esses sintomas podem ser agravados quando a pessoa não pode participar de atividades habituais, como compras de produtos e serviços de necessidades básicas ou participar de atividades na internet e telefone (HAWRYLUCK *et al.*, 2004; JEONG *et al.*, 2016).

Nesta situação de pandemia, todos os interesses governamentais devem estar alinhados com a saúde pública. As incertezas e angústias resultantes da virulenta infecção por COVID-19 e se a situação estaria controlada ou não no Brasil geraram impactos e preocupações. No Brasil, o presente estudo reflete os dados relevantes desta amostra, indicando que cerca de 86% dos participantes descrevem que a situação da COVID-19 no Brasil não está muito bem ou nada controlada. De acordo com Brooks *et al.* (2020), alguns estudos relacionados a situações de tragédias, epidemias e desastres destacaram que as diversas informações advindas de autoridades em saúde pública podem ser consideradas estressoras, levando em consideração conteúdos confusos e diretrizes insuficientemente claras. Os autores descrevem que, na epidemia de SARS no Canadá, a população notou que a situação estava sem controle, em razão da falta de coordenação e desorganização dos conteúdos e mensagens emitidas pelo governo. A falta de clareza nas recomendações e diretrizes contribui para um mal-estar social.

Em consonância com os impactos biopsicossociais das medidas preventivas contra COVID-19, um estudo de 2020, realizado na China, descreveu altas incidências de depressão (50%), ansiedade (45%) e insônia (34%) durante a pandemia de COVID-19. Um outro estudo, na Etiópia, revelou o aumento no percentual de 33% em casos de depressão, seguidos quanto ao uso abusivo da internet. O presente estudo ressalta que cerca de 67% dos participantes referem-se que não têm aproveitado bem o tempo, enquanto 56,2% passaram mais tempo nas redes sociais (fora do trabalho).

Nessa perspectiva, outros estudos abordam que a questão do uso abusivo da internet pode ser um fator de risco diante dos impactos negativos na pandemia. Entende-se que, apesar de a sociabilidade digital se apresentar como um fator de proteção diante das medidas de isolamento, o uso abusivo da internet pode contribuir com condições ansiogênicas. Estudos com

universitários chineses revelam a correlação entre sofrimento psíquico e uso abusivo da internet durante a pandemia. No Brasil, um estudo em Minas Gerais encontrou maior taxa de prevalência de transtornos mentais comuns relacionado com a maior frequência de uso de internet durante a pandemia de COVID-19 (MOTA *et al.*, 2021).

Desse modo, levando em consideração os fatores de risco diante do enfrentamento da pandemia de COVID-19, outra variável importante refere-se à prática de atividade física e qualidade do sono. O presente estudo revela que 60,5% dos participantes praticavam menos atividade física, 32,2% descansavam ou relaxavam menos e 25,6% dormiam menos, indicando que a pequena quantidade de atividade física como fator de risco significativo para o enfrentamento da pandemia de COVID. De acordo com Cavalcante *et al.* (2021), Costa *et al.* (2020) e Malta *et al.* (2020), muitos estudos evidenciaram a redução de práticas de atividades por diversas populações durante a pandemia, levando em consideração o fechamento de academias, locais públicos de prática de atividade física e restrição de circulação social.

Um estudo de Malta *et al.* (2020) revelou que, antes da pandemia, cerca de 30% dos participantes realizavam atividade física, mas, depois da pandemia, esse número caiu para 12%. Cavalcante *et al.* (2021) relatam várias pesquisas em que houve a incidência de dificuldades para dormir após o início da pandemia, situação descrita, também, no estudo de Pinto *et al.* (2020), em que se verificou que cerca de 70% dos participantes apresentaram problemas para dormir, e em outro estudo brasileiro, em que aproximadamente 44% dos participantes relataram dificuldades na qualidade do sono.

Outro fator de risco de relevante impacto na qualidade de vida durante a pandemia foi o consumo de álcool. O presente estudo revela que os participantes aumentaram o consumo de álcool duas semanas após o início da pandemia. Garcia e Sanchez (2020) apontam que, com o fechamento dos bares e de locais de entretenimento em espaços públicos, o álcool passou a ser consumido no ambiente doméstico.

Muitos estudos apontam o aumento do consumo de álcool como estratégia de enfrentamento dos impactos angustiantes de tragédias e desastres. Na China, um ano após a pandemia de SARS, em 2013, um estudo identificou o aumento do consumo de bebidas alcoólicas na população chinesa. Em outra pesquisa com profissionais da saúde em Pequim, o álcool foi considerado um fator de risco para sintomas de transtornos, após três anos da pandemia de SARS (REHM *et al.*, 2020; ČOSIĆ *et al.*, 2020; HO; CHEE; HO, 2020).

O presente estudo revela que 9% dos participantes não têm lidado bem com o controle do consumo de álcool. E segundo um estudo realizado em diversos países pela OPAS, no Brasil, 42% dos que participaram descreveram alto consumo de álcool durante a pandemia de COVID-19. Em consonância, uma pesquisa da FioCruz revelou que 18% dos que responderam ao questionário também descreveram o aumento no consumo de bebidas alcoólicas durante a pandemia (QUEIROGA *et al.*, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que, em meio a uma situação de pandemia, a população brasileira enfrentou impactos negativos, que geraram ansiedade, medo, maior consumo de álcool e angústias em relação ao modo de administração dos governantes. Ao acolher essas demandas, é possível construir novas estratégias para o melhor enfrentamento emocional e estrutural desse contexto de pandemia de COVID-19.

As estratégias de enfrentamento das famílias e população brasileira em relação a crise da COVID-19 foram de assistir mais televisão, passar mais tempo na internet (fora do trabalho), passar mais tempo nas redes sociais (fora do trabalho), trabalhar em casa ou fazer outra atividade para complementar a renda, realizar mais atividades domésticas ou consertos em casa, falar mais ao telefone com familiares e amigos, orar mais, praticar menos atividade física, menor tempo para descanso e dormir menos. Os dados revelam que o olhar para os recursos das famílias é fundamental para elaboração de intervenções que atendam às exigências de um momento de crise e sofrimento.

Os dados apontam para a importância e necessidade de a comunidade científica, junto com os setores público e privado, considerar, com maior atenção, questões que envolvem os determinantes sociais de saúde, de forma que não se atentem somente ao processo saúde-doença, mas, que voltem o olhar para as relações sociais e as manifestações culturais das populações em uma condição pandêmica. Reiterando-se que é notória a promoção de ações eficazes e políticas públicas eficientes no que diz respeito à orientação, prevenção e tratamento voltados para os agravos à saúde mental em situações de emergências sanitárias.

## REFERÊNCIAS

BROOKS, S. K. *et al.* “The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence.” **Lancet (London, England)** v. 395, n.10227, p. 912-920, 2020.



Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673620304608>. Acesso em 15 nov. 2020.

CAVALCANTE, M. V.; SIQUEIRA, R. C. L.; COSTA, R. C.; LIMA, T. F.; COSTA, T. M.; COSTA, C. L. A. Associations between physical activity and sleep quality in the pandemic context of social distancing. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e8610111471, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11471>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ĆOSIĆ, K.; POPOVIC, S.; SARLIJA, M.; KESEDZIC, I. Impact of Human Disasters and COVID-19 Pandemic on Mental Health: **Potential of Digital Psychiatry, Psychiatr Danub**, v. 32, n. 1, p. 25-31, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32303026/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

COSTA, C. L. A.; COSTA, T. M.; BARBOSA FILHO, V. C.; BANDEIRA, P. F. R. Influência do distanciamento social no nível de atividade física durante a pandemia do COVID-19. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 25, p. 1–6, 2020. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14353>. Acesso em: 15 fev. 2021.

EUROPEAN CENTRE FOR DISEASE PREVENTION AND CONTROL (ECDC). **Algorithm for the management of contacts of probable or confirmed COVID-19 cases**. European Center for Disease Prevention and Control. 2020; published online Feb 25. Available at: <https://www.ecdc.europa.eu/en/publications-data/algorithm-management-contacts-probable-or-confirmed-covid-19-cases>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FARO, A.; BAHIANO, M. A.; NAKANO, K. T.; REIS, C.; SILVA, B. F. P.; VITTI, L. S. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)** [online], v. 37, e200074, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF>. Acesso em: 15 jan. 2021.

GARCIA, L. P. E SANCHEZ, Z. M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 36, n. 10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/FbtYqzqTP35S8qhYxqhrVc/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2020.

HAWRYLUK, L.; GOLD, W. L.; ROBINSON, S.; POGORSKI, S.; STYRA, R. SARS Control and Psychological Effects of Quarantine, Toronto, Canada. **Emerg Infect Dis.**, v. 10, p. 1206-1212, 2004. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3323345/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

HO, C.SH., CHE, C.Y.L., HO, R. C. M. Mental Health Strategies to Combat the Psychological Impact of COVID-19 Beyond Paranoia and Panic. **Annals of the Academy of Medicine**, v. 49, n. 3, p.155–160, 2020. Disponível em: <https://lancsvrn.co.uk/wp-content/uploads/2020/08/Ho-et-al.-2020-Mental-health-strategies-during-Covid-19.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.



HUANG, C. *et al.* Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **Lancet**, v. 395, n. 10223, p. 497-506, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(20\)30183-5/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(20)30183-5/fulltext). Acesso em: 20 dez. 2020.

JEONG, H. *et al.* Mental health status of people isolated due to Middle East Respiratory Syndrome. **Epidemiol Health**. v. 38, e2016048, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5177805/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/nyq3wrt8qpWFsSNpbgYXLWG/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020407, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/VkvxmKYhw9djmrNBzHsvrx/#>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MOTA, D. C. B.; SILVA, Y. V.; COSTA, T. A. F.; AGUIAR, M. H. C.; MARQUES, M. E. M.; MONAQUEZI, R. M. Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 6, p. 2159-2170, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kZGncmhsthtskP463HNQ95s/>. Acesso em: 30 out. 2022.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Braz J Psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 232-235, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WGD9CnJ95C777tcjnkHq4Px/?lang=en>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PASSOS, L.; PRAZERES, F.; TEIXEIRA, A.; MARTINS, C. Impact on Mental Health Due to COVID-19 Pandemic: Cross-Sectional Study in Portugal and Brazil. **Int J Environ Res Public Health**, v. 17, n. 18, p. 6794, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32957702/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PINTO, J. *et al.* Sleep quality in times of Covid-19 pandemic. **Sleep Medicine**, v. 74, p. 81–85, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7366086/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

QUEIROGA, V. V. *et al.* A pandemia da Covid-19 e o aumento do consumo de álcool no Brasil. **Research Society and Development**, v. 10, n.11, e568101118580, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18580>. Acesso em: 15 abri. 2022.

REHM, J. *et al.* Alcohol use in times of the COVID 19: Implications for monitoring and policy. **Drug and Alcohol Review**, v. 39, p. 301-304, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/dar.13074>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENCH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estud. psicol.**, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, D.A.R.D., PIMENTEL, R.F.W., MERCES, M.C.D. Covid-19 and the pandemic of fear: reflections on mental health. **Rev Saúde Pública.**, v. 54, n.46, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/6NF4ZWRJqy6fMZNfypWj9bK/?lang=en>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, A. F. *et al.* Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 25, n. 9, p. 3475-3480, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yFfYg7zWxBwVRJp7GrLwJpf/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2022.

TORALES, J.; O'HIGGINS, M.; CASTALDELLI-MAIA, J. M.; VENTRIGLIO, A. The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. **Internacional Journal of Social Psychiatry**, v. 66, n. 4, p. 317–320, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32233719/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

WU, Z.; MCGOOGAN, J.M. Characteristics of and important lessons from the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: summary of a report of 72 314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. **JAMA.**, v. 323, n.13, p. 1239-42, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/2762130>. Acesso em: 28 jul. 2021.